O TEMPO MEDIDO E O TEMPO PERCEBIDO: UM ANTIGO CONTRASTE RE-DESCRITO POR FILÓSOFOS E POETAS

Pedro Proscurcin Junior*

Resumo:O presente artigo investiga alguns aspectos da diferença primária entre o tempo registrado pelo relógio e o tempo perceptível. O paradigma do tempo medido perde sua importância, diante de constatações vivenciais de outro tempo, por exemplo, em lugares "distantes" das metrópoles. A diferença entre tempos, antes descrita por Agostinho, é lembrada por filósofos (Heidegger e Agamben) e especialmente constatada por alguns poetas latino-americanos (Borges, Neruda e Drummond). O tempo percebido, não necessariamente fixado em um momento presente, demonstra, por exemplo, ser mais próximo ao existir humano daqueles que ainda vivem distantes dos chamados grandes centros.
Palavras-Chave: tempo medido; tempo percebido; fixação do tempo no presente

Abstract: The present article investigates some aspects of the main difference between the registered time (clock's time) and the perceptible time. The paradigm of registered time looses its importance considering the living verifications of another time, for instance in distant places far away from megacities. The difference between both times, described earlier by Augustine, is remembered by modern philosophers (Heidegger and Agamben) and specially identified by some Latin American poets (Borges, Neruda and Drummond). The perceptible time, not necessarily fixed on a present moment, demonstrates for instance to be closer to the human existence of those which still live away from the so called big centres.
Keywords: measured time; perceptible time: fixation of time in the present

> "Em o mesmo rio entramos e não entramos, somos e não somos" (Heráclito, Frg. 49a)"
> "El mismo soy. No soy? Quién, en el cauce de las aguas que corren identifica el río? (Pablo Neruda, Oda al tiempo venidero en 'Tercer Libro de las Odas', 1957)"

> "El tiempo es la sustancia de que estoy hecho. El tiempo es un río que me arrebata, pero yo soy el río; es un tigre que me destroza, pero yo soy el tigre; es un fuego que me consume, pero yo soy el fuego. (Jorge Luis Borges, Nueva Refutación del Tiempo en 'Otras Inquisiciones', 1952)"

A questão do tempo medido encontra seu paradigma atual no "objeto" relógio. O relógio é o instrumento de medida do tempo e paradigma eurocêntrico. A questão da medida do tempo através dessa relação métrica é algo já tão acomodado e tão subentendido no cotidiano das grandes cidades, que apenas em dados contextos e situações ousa-se duvidar da "verdade" desse modelo.

* Doutorando em Filosofia na Universidade de Bonn (Alemanha) e mestre em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela USP.

Poder-se-ia questionar a precisão "objetiva" do tempo medido pelo relógio e se este tempo pode ser mais exato. No entanto, a exatidão da medida do tempo é apenas uma conseqüência derivada do agir que se impõe ao convívio da sociedade moderna. A métrica derivada do cálculo e do número, devido a sua previsibilidade e exatidão, colocou-se. O modelo europeu que se impôs ao mundo deduz-se da facilidade de se garantir a eficiência no agir cotidiano das interações humanas. O "valor de uso" do relógio é elevado, diante das imposições do convívio eficiente nas interações atuais entre seres humanos e\ou seres palpáveis e seres não palpáveis (criados pela interação humana), como empresas, entidades estatais ou mesmo Universidades. O uso do relógio impõe uma relação entre "sujeitos" e, como instrumento métrico, pressupõe sua compreensão como "objeto".

Ocorre que a medição efetuada pelo relógio e adotada como símbolo de modernidade e exposição de eficiência, é resultado de um pensamento que há muito se impôs. A história dos instrumentos de medida, ou melhor, percepção de tempo é anterior a filosofia e a imposição dos modelos ocidentais europeus sobre o mundo. Outras civilizações ou culturas percebiam o tempo através de seu movimento e, o que é mais interessante, com outros modelos de medição não necessariamente voltados para uma exatidão absoluta. Tais formas de percepção ou entendimento do tempo não advêm da precisão eficiente ou da necessidade de fragmentação exata do tempo.

A fragmentação do tempo em exatidão numérica sustenta-se na possibilidade de fixar o instante, momento ou agora indicando o mesmo com um número desenhado na superfície do instrumento de medida. O fato de o movimento do relógio ser seqüencial já é uma indicação metafísica de tempo. O tempo moderno é compreendido como uma marcha progressiva. A percepção de tempo anterior a preocupação de metrificá-lo não se vincula ao agora fixado[1]. Na Grécia o tempo não fixado é exemplificado na Ilíada. Ali há precisão temporal, mas não exatidão. Para Homero os dias de batalha não demandam exatidão. Há dias mais longos ou mais curtos, mas não é possível dizer que

[1] Pode-se verificar o tempo como fixação do movimento contínuo (instantes ou agoras fixos - "*tò nyn*", em pontos geométricos - "*stigmê*" ou quantificado em número "*arithmós*", por exemplo, em Platão (**Timeu,** 37d); Aristóteles (**Física**, IV, 10 218a33 e 11, 219b1); Plotino (**Enéada**, III.8-9); Descartes (**Principia Philosophiae**, I, 57). Na Física o tempo fixado seja como movimento em sucessão ou simultaneidade aparece p. ex., em Newton (**The mathematical principles**, I, Def. VIII) e Einstein (**Über die spezielle und allgemeine Relativitätstheorie**, §§ 8-9). A divisão do tempo em partes foi primeiro procedida entre os gregos por Anaximandro de Mileto. O instrumento que Anaximandro utilizou chamava-se "*gnómon*", o fato é descrito por Diógenes Laércio (II, 1-2) e Heródoto (II, 109), que atribui sua origem na Babilônia. O importante é destacar que o tempo foi fixado em indicações de medida (em presente).

não haja precisão na compreensão do tempo. Os gregos indicavam o tempo por nomes como *Chrónos* ou *Aión.*[2] No início, a precisão para eles não derivaria da exatidão numérica. A precisão apresenta-se como tempo vivido. As cenas de luta apresentam-se como pano de fundo. A celeridade ou vagarosidade do tempo corrido é sentida e demonstrada pela relatividade das percepções. As afecções também afetam a compreensão do tempo vivido pelos personagens. Este não é o tempo numérico circular de Platão ou Aristóteles.

Os gregos em seu início tinham a percepção do tempo semelhante à de outras civilizações, antecedentes a influência da compreensão hoje generalizada do agir metrificado em números no presente. O relógio, instrumento de medida sucessiva, não era então um critério absoluto da percepção do tempo.

Tal percepção que pode se assemelhar a dos antigos pode ser ainda encontrada hoje em regiões distantes de nossa América Latina. Uma situação plausível é descrita pelo filósofo Martin Heidegger:

> Que caráter tem este andar do relógio? Com esta questão ficamos, por enquanto, no âmbito do nosso uso atual do relógio (relógio de pulso, de bolso). Um ponteiro se move e passa por certos números. Suponhamos que chegássemos com um relógio a um membro de uma tribo indígena numa floresta, que nunca viu um relógio, e lhe mostrássemos esta coisa. Pelo movimento, ele pensaria que esta coisa está viva. Para ele, a coisa não é um relógio, uma medida de tempo. Isto não significa, naturalmente, que a relação com o tempo lhe seja estranha. Provavelmente, ele vive uma relação mais originária com o tempo do que nós, europeus modernos, que lhe mostramos nossos estranhos produtos. Entretanto, para ele, não há questão do relógio. (HEIDEGGER, 2001, p. 66-67).[3]

A observação de Heidegger descreve uma ocorrência passível de se verificar ainda hoje na América Latina. A percepção do tempo, por exemplo, em tribos indígenas isoladas na Amazônia não se comunica com as necessidades de imposição de trocas ou interações de uso eficiente típicas de uma grande cidade. É claro que o grau de percepção do tempo de uma tribo indígena é outro. Aqui a diferença entre exatidão e precisão se impõe. Talvez não haja na percepção do tempo de uma tribo isolada a exatidão em medir o tempo no modelo do relógio ocidental, mas é inegável que existe na percepção de tempo de um indígena a precisão. A precisão deriva de noções relativas a se perceber o melhor dia para caça, para o plantio ou colheita de frutos ou plantas ou

---

[2] Termos que já aparecem em Homero, p. ex., na **Ilíada**, V, 685; XIV, 203 e 244 e na **Odisséia**, V, 160; em Hesíodo, caso da **Teogonia**, 154. Lembrando-se que *Aión* surgiu também como filho de *Chrónos*, que se une a *Ananké*, a "necessidade" (*Necessitas*), "inevitabilidade" ou "destino".

[3] Interessante observar a relação "movimento-tempo-medida" na discussão. A questão do movimento entrelaçada ao tempo e como isso se relaciona ao medir foi antes abordada por Plotino (*Enéada*, III.7, 9).

mesmo para se proteger de perigos ou se precaver em caso de necessidades que virão. O tempo deriva de percepções sensoriais. Sabe-se, por exemplo, quando haverá chuvas, período de frio ou calor. Analisa-se o comportamento dos animais e das plantas. Vê-se o tempo de uma vida. Se o homem da floresta não consegue verificar diretamente dados fenômenos, ele os observa através dos olhos da natureza. Através do agir dos animais, da observação de seu atuar, ou mesmo da mudança e comportamento das plantas, há sempre indicações. Essa relação se perdeu através do tempo seqüencial do relógio[4].

Numa tribo a compreensão do tempo lembra a compreensão de tempo em civilizações mais antigas. A divisão seqüencial medida do tempo não é o mais importante. A tensão do tempo seqüencial medido pelo relógio distancia o ser humano de sua relação original com a natureza. Heidegger procura indicar tal distanciamento[5]. Não há para o indígena a necessidade de determinação do tempo como tempo pelo relógio. Não há relação com a idéia de progresso ou com a idéia de uma "intuição pura" pré-existente. O tempo fixado em instante, que o relógio indica, não é tempo para o habitante de uma tribo no centro da floresta amazônica. O quanto de tempo medido pelo relógio não é o tempo da floresta. O tempo observado pelo indígena se assemelha ao tempo compreendido pelos antigos, isto é, o movimento dos dias e noites não é fixado em instantes. Não há a necessidade de interrompê-lo como medida no presente para se compreendê-lo. O tempo é devir[6].

A métrica ocidental e o seu valor de uso na cidade não se aproximam da compreensão do tempo de um indígena numa região isolada da floresta amazônica ou, em outro sentido, a precisão da medida do tempo em uma tribo isolada é mais precisa em uma floresta ou deserto que habita do que a medida de tempo européia situada em uma cidade que se amolda a este modelo. Há maior exatidão na medida do relógio, mas não necessariamente precisão.

Outro sentido de percepção do tempo é verificado não pelo indígena isolado ou, no sentido europeu, ainda não "aculturado". O exemplo típico é a pequena cidade fora dos grandes centros de troca capitalistas. Numa pequena cidade que entremeia vínculos com

---

[4] O relógio é entendido como uma "*seqüência de agoras*" (*processo*). HEIDEGGER, 2001, p. 60 e 77

[5] "*O dizer hoje, ontem, amanhã é, pois, uma relação mais primordial com o tempo em comparação com o verificar de um quanto de tempo pelo relógio*". In: HEIDEGGER, 2001, p. 68.

[6] Mircea Eliade defende que o tempo para os antigos divide-se em "profano", que é o devir, e o "mítico", presente em rituais. Sendo que nos rituais o humano, imitando e repetindo, insere-se no divino. O ritual repetido periodicamente torna-se cíclico. As concepções do tempo, então vinculadas ao divino, são de duas orientações: a "tradicional, pressentida, a do tempo-cíclico, que se regenera periodicamente *ad infinitum*; a outra, do tempo-acabado, fragmento (embora também ele cíclico) entre dois infinitos a-temporais". ELIADE, 2000, p. 50 e 126.

o que seria o padrão moderno de tempo (*presentificado* e medido em instantes) e que, ao mesmo tempo, mantém vínculos com a floresta, o deserto ou o campo, nesses locais parece existir dois tempos. Em uma linguagem do habitante indígena "aculturado" ou, como entendemos, morador do campo dividido entre dois tempos, quer dizer, adaptado aos padrões culturais ocidentais, seria dito que há "um tempo que corre (passa) diferente na floresta". O "correr" do tempo em uma floresta ou região isolada sul-americana, ou do planeta, é a demonstração extrema da existência de uma peculiar compreensão de tempo. O tempo é percebido ali de outro modo. O prender-se ao relógio é apenas um referencial imposto, circunstancial e que não se comunica com os seus hábitos. Há, portanto, no mínimo, dois tempos claros, um imposto pelas trocas, que devem ser feitas com os grandes centros, e o outro, derivado do seu viver junto a natureza.

A filosofia descreve, no entanto, a mesma diferença de outro modo. Agostinho, o primeiro a descrevê-la claramente, contrastava os mesmos dois tempos, como segue:

> 20. Eis que o tempo presente, o único que considerávamos susceptível de ser chamado longo, é contraído ao espaço de apenas um único dia. Mas examinemos também o mesmo, porque nem sequer um dia está todo presente. Este se completa em vinte e quatro horas noturnas e diurnas, a primeira das quais tem as outras como futuras e a última tem as outras como passadas, ao passo que qualquer das intermédias tem como passadas as que estão antes dela, e como futuras as que estão depois dela. E até essa mesma única hora decorre em parcelas fugazes: tudo o que dela fugiu é passado; tudo o que dela resta é futuro. (AGOSTINHO, 2008, p. 113). [7]

O conflito que Agostinho observa é o da incongruência entre o tempo medido ("*vinte e quatro horas noturnas e diurnas*") e o tempo do movimento natural, este não fechado ou fragmentado em parcelas ou períodos. Agostinho separa o "tempo externo" ("do movimento natural dos astros") do "tempo interno" (medido pelo "espírito")[8]. De algum modo, laicizado ou não, o habitante de uma região interior da América Latina, que transita entre as conseqüências do tempo imposto europeu e as percepções observadas em seu dia-a-dia, verifica isso com facilidade. Essa é a visão de tempo daqueles que mantém um laço com o passado de observação da natureza e, ao mesmo

[7] Tradução modificada com base no original em latim e na versão portuguesa. AUGUSTINUS, **Confessiones**, XI, 20.

[8] Esse tempo "interno", todavia, não seria mais o tempo circular sem direção grego, mas agora o denominado tempo linear cristão dirigido a um fim (da Gênese ao Apocalipse). "*Todavia, o tempo assim interiorizado é ainda a sucessão contínua de instantes pontuais do pensamento grego*". AGAMBEN, 2008, p. 114-115. Lembra-nos Eliade, que o tempo circular ainda esteve presente na Idade Média em Tycho-Brahé, Kepler, Cardan, G. Bruno e Campanella, convivendo com o tempo linear descrito, por exemplo, em Bacon ou Pascal. Para este escritor, o tempo linear afirma-se no séc. XVII, "*instaurando a crença num progresso infinito, crença esta já proclamada por Leibniz*". ELIADE, 2000, p. 134.

tempo, do viver no vazio do tempo medido pelo relógio no trabalho cotidiano mecânico do presente.

1. O tempo percebido pelos poetas: o exemplo latino-americano

Os habitantes de uma pequena cidade no interior da América Latina verificam com mais facilidade esse conflito de tempos. Lá está presente também o tempo medido. Mas a velocidade do acontecer em detrimento do tempo do relógio é contraditória. Existe o tempo dos aconteceres, que é um tempo não medido, mas existente entre os que vivem na selva ou no campo. Para eles muitas vezes não há a urgência no medir o tempo, usando-se o paradigma eurocêntrico[9]. Há a constatação de um tempo paralelo e mais importante. Lá se pode observar a diferença entre o "perceber o tempo" sem um "ter o tempo", as horas não apenas se medem. Há um tempo que passa diferente. Nessas regiões pode haver "um tempo caudaloso", citado por Borges em um de seus poemas:

> En la cóncava sombra
> vierten un tiempo vasto y generoso
> los relojes de la medianoche magnífica,
> un tiempo caudaloso
> donde todo soñar halla cabida,
> tiempo de anchura de alma, distinto
> de los avaros términos que miden
> las tareas del día. (BORGES, 1923, p. 35).

Borges compara neste poema (*Caminhada*), descrição de Buenos Aires ao início do século passado, o tempo que vive ao andar durante uma noite por ruas desta cidade. O tempo que o impressiona é o tempo da noite, tempo este que é "côncavo" e "caudaloso", isto é, mais largo, mais abrangente e não medido em tarefas. Este tempo, ainda que vindo dos "relógios da meia-noite", não aponta para um fazer ou um produzir. Algo que, para Borges, aconteceria especialmente durante o dia, medido em "avaros termos" mais planos e exatos. Tempo de uma grande cidade. Durante o dia percebia que o tempo medido era célere, egoísta e curto. A visão da noite permitia ver o outro tempo, que contrastava com o tempo da Buenos Aires durante o dia.

O testemunho dos poetas é simbólico, independentemente da diferença de posições políticas[10]. Sua sensibilidade mais aguçada percebe um tempo que não para no

---

[9] Nos dizeres de Agostinho: "*não medimos os tempos futuros, nem os passados, nem os presentes, nem os que estão a passar, e, no entanto, medimos os tempos*". AUGUSTINUS, **Confessiones**, XI, 27, 34. A medição é um critério vazio e fixado pelo presente.

[10] São conhecidas as divergências acima de tudo políticas entre Neruda e Borges.

presente, que caminha. O tempo percebido é, ademais, um só, mesmo que cada ser o sinta diferente (andando, correndo ou crescendo). Está em cada um, mas ao mesmo tempo é vivenciado por todos. Lembremos de Neruda, em sua "*Ode ao Tempo*" (NERUDA, 1956):

> Dentro de ti tu edad
> creciendo,
> dentro de mí mi edad
> andando.
> El tiempo es decidido,
> no suena su campana,
> se acrecienta, camina,
> por dentro de nosotros,
> aparece
> como un agua profunda
> en la mirada…

Este tempo que Neruda descreve não é o tempo do relógio, não é o tempo medido. Talvez não esteja apenas "dentro" de alguém, mas está aí e é perceptível. Este "dentro" de Neruda não parece ter um sentido "subjetivo", mas parece se referir ao aparecer "como uma água profunda" de certo olhar, olhar este intenso e não superficial. A medida do tempo não é digna de uma vida, como o mesmo poeta chileno descreve na "*Ode a idade*" (NERUDA, 1959):

> Mediremos
> la vida
> por metros o kilómetros
> o meses?
> Tanto desde que naces?
> Cuanto
> debes andar
> hasta que
> como todos
> en vez de caminarla por encima
> descansemos, debajo de la tierra?
>
> Al hombre, a la mujer
> que consumaron
> acciones, bondad, fuerza,
> cólera, amor, ternura,
> a los que verdaderamente
> vivos
> florecieron
> y en su naturaleza maduraron,
> no acerquemos nosotros
> la medida
> del tiempo
> que tal vez
> es otra cosa, un manto
> mineral, un ave
> planetaria, una flor,
> otra cosa tal vez,
> pero no una medida.

Neruda expressa seu inconformismo com o tempo da medida através de uma indagação ("*Mediremos a vida...?*"). A vida não se sujeita a medida estabelecida do cálculo, sequer deve-se haver uma sujeição da vida a tal paradigma. Não se mede a vida pelo tempo. A medida de tempo não é digna de uma vida. Na estrofe seguinte enfatiza Neruda que a própria questão da "medida do tempo" é duvidosa. Talvez seja melhor medir o tempo cotejando-o com algo mais profundo ou mais belo, como uma flor. A vida é talvez muito mais a flor do que a medida, por isso os seres "*verdadeiramente vivos floresceram e em sua natureza maduraram*".

O tempo da vida não é o referencial. O tempo ultrapassa a medida e pode florescer em amor, como também percebeu Drummond (DRUMMOND, 1985, p. 18):

> O tempo passa?
> Não passa no abismo do coração
> lá dentro, perdura a graça
> do amor, florindo em canção.
>
> O tempo nos aproxima
> cada vez mais, nos reduz
> a um só verso e uma rima
> de mãos e olhos, na luz.
>
> O tempo é todo vestido
> de amor e tempo de amar.
> O meu tempo e o teu
> transcedem qualquer medida.
>
> Além do amor, não ha nada,
> amar é o sumo da vida.
> Pois só quem ama escutou
> o apelo da eternidade.

Há para os seres que se amam outro tempo, que talvez não passe, que perdure "na graça do amor, florindo em canção". Para os que amam, o tempo é outro. Tempo este que ultrapassa qualquer medida e se vincula a um sentido do "eterno" em cada um. Não ao eterno medieval das esferas ou da roda imensa da eternidade, dentro da qual a roda do tempo se move[11], mas a um sentido de eternidade preso ao perceber de cada um e que pode ser provocado. O amor, que antes para os gregos poderia ser "*ágape*", "*filia*" ou "*éros*", distribui-se em uma riqueza de sentimentos de prazer e dor. Os sentimentos se misturam. Não é apenas o prazer, mas também a angústia, a melancolia e a saudade, que descrevem outro tempo sem medida.

[11] AGAMBEN, 2008, p. 116-117.

2. O contraste dos tempos verificado na distância das cidades

Diante da constatação de tempos diferentes e simultâneos, Heidegger diz não ser possível responder qual tempo é hierarquicamente o mais importante, o tempo verificado aritmeticamente (o do relógio) ou o tempo percebido ("o tempo dado e interpretável [*deutsame*]")[12]. A resposta para um habitante do campo ou mesmo de uma pequena cidade no interior do Brasil, da América Latina ou África não é difícil. Muito provavelmente o tempo percebido será mais relevante que o tempo calculado. O "andar" do tempo na pequena cidade é o mais importante. Em um dia pode-se ver o tempo "correr" mais rápido do que o relógio e, circunstancialmente, concluir que o dia rendeu bons frutos. E o "rendimento" do dia ou noite advém das decisões tomadas ou do fazer acontecer dessas pessoas. O rendimento de um dia não se relaciona, portanto, a compreensão do tempo preso ao relógio, de fato, o habitante não está preso ao aparelho medidor do tempo. O habitante desta pequena cidade reconhece com facilidade outro tempo, algo que vai além do tempo metrificado, quando no seu agir ou interagir se apercebe das possibilidades de decisão no contraste com o ambiente aberto (campo, selva, semi-árido) e vê a alteração em outra velocidade do tempo.

O que predomina nessa análise do tempo não é algo novo. A verificação de um tempo mais originário e mais verdadeiro do que o tempo exato do relógio é algo mais fácil de constatarmos quando observamos a descrição dos poetas ou, p. ex., ouvimos falar do confronto estupefato do ser humano que habita a selva ou o campo com a diferença de tempos a ele concedida.

Em face de sua situação existencial, o morador dessas regiões já possui uma relação mais próxima com a terra e a natureza. As regiões distantes ou não, por serem menos influenciadas por um sistema de trocas (não apenas econômicas) do relógio medido, podem ver mais contundentemente a presença de outra relação que o homem tem com o tempo. No interior do Brasil há expressões como: "o tempo aqui é outro!". Realmente, no seu modo de viver e no convívio com seus semelhantes, o morador que vive distante das cidades consegue facilmente estabelecer outra relação com o tempo. Essa relação deriva de um determinado perceber, que permite o estender, interromper ou encurtar o tempo, que não se relaciona ao estar preso do tempo medido e presente do

[12] HEIDEGGER, 2001, p. 70-73.

relógio. É claro que tal percepção não é privilégio de um campesino, o homem da grande cidade também pode o perceber, mas no campo é inegável que este se aproxima da possibilidade de se perceber a natureza (seu movimento) com mais facilidade.

De outro modo, não se pode também afirmar que o homem engolido pela grande cidade, tenha perdido a percepção do tempo percebido. O tempo percebido aparece quando ele verifica que o dia não passa ou, o que é mais "normal", quando o dia passa muito rápido ou, numa linguagem informal, "mais rápido que o relógio".

Agamben lembra-nos da angústia do homem contemporâneo dividido entre o "seu *ser-no-tempo*", inconciliável com a concepção de tempo tradicional "como sucessão contínua e infinita de instantes pontuais" e o próprio "*ser-na-história, entendido como dimensão original do homem*"[13]. Essa divisão, que culmina no entender moderno da história, é desde há muito em outros termos descrita e, na verdade, angustia o homem em sua compreensão de si. Talvez Heidegger pudesse justificar o caráter da percepção do tempo percebido como uma relação mais apropriada entre ser e tempo. Relação esta, portanto, ontológica, na qual o "*Da-sein*" é histórico e experimenta uma experiência mais autêntica do tempo, não vinculada ao instante pontual em fuga ao longo do tempo linear ("*ser-na* ou *dentro-da-história*"), mas no átimo de uma decisão autêntica. Agamben, por seu turno, conclui algo semelhante partindo da questão da "incomensurabilidade do prazer". Para ele, o prazer não está nem no "tempo pontual contínuo" nem na "eternidade", mas na "história" e a liberação do homem se dá pela *cairós* grega "*em que a iniciativa do homem colhe a oportunidade favorável e decide no átimo a própria liberdade*" (AGAMBEN, 2008, p. 127-128)[14].

Em que pese à ênfase dada por Agamben ao prazer como um tempo "*pleno, descontínuo, finito e completo*", pensamos que não apenas do prazer que uma iniciativa como a *cairós* grega se dá. Em um sentido mais amplo, a dor afigura-se como igualmente plena, descontínua e completa, mas podendo ser finita ou infinita. Podemos dizer que a dor advinda de uma angústia pode ser solucionada e tornar-se finita, mas há dores que não se podem encerrar num tempo metrificado ou mesmo finito. Imaginemos

[13] AGAMBEN, 2008, p. 121.

[14] Algo que lembra muito o fenômeno da "*de-cisão*" ou "situação de decisão" ("*Entschlossenheit*") enquanto modo de "abertura" ou "situação de abertura" ("*Erschlossenheit*"), descrito por Heidegger em **Ser e tempo** (§ 60 ss.). HEIDEGGER, 2006, p. 297 ss.

aqui a dor da mãe que perde seu filho ou a angústia por situações limite, como a morte. A dor, mais do que o prazer, pode manter-se perene, acompanhando o ser até sua morte. A dor, portanto, propicia também a *cairós*.

3. A questão da "presentificação" do tempo

Agostinho observou que o tempo medido se fixa comodamente no presente e, a partir do tempo presente, obtêm-se o referencial de análise do presente, do passado e do futuro:

> XX. 26. Uma coisa é agora clara e transparente: não existem coisas futuras nem passadas; nem se pode dizer propriamente: os tempos são três, o passado, o presente e o futuro; mas talvez se pudesse dizer propriamente: os tempos são três, o presente que diz respeito às coisas passadas, o presente que diz respeito às coisas presentes, o presente que diz respeito às coisas futuras.[15]

Em Kant, a idéia do tempo parece se afigurar também no tempo presente, mas de outro modo. Além de tratar da idéia do tempo como "*intuição pura*"[16], ele aponta que o tempo é "*princípio formal do mundo sensível*", "*pois tudo o que de algum modo é sensível só pode ser pensado se é posto ou como simultaneamente ou como sucessivo e, conseqüentemente, como que envolto no curso de um único tempo e como correlacionado por uma posição determinada nesse tempo...*" (KANT, 2005, p. 253)[17]. A concepção de tempo como intuição prende-se ao tempo presente, quando pensa as coisas sensíveis em processo (seqüência de instantes sucessivos ou simultâneos). Uma vez que tudo só pode ser pensado se referido a uma posição determinada como sucessiva ou simultânea no tempo, o pensar fixa-se numa posição presente, ainda que em processo. Ao fixar no momento presente o sensível pensado, tal concepção assemelha-se as anteriores.

A fixação do presente confere a medida do tempo. Esse é o instante do tempo contínuo fixado em presente. Em Heidegger, o critério do tempo presente é substituído pela possibilidade do "*por-vir*" (*Zu-kunft*), derivação de "*zukommen*" ("*ad-vir*"), portanto, do projetar-se futuro como referencial[18]. Segundo ele, o "*Da-sein*", esse ser

---

[15] Augustinus, *Confessiones*, XI, 20, 26.
[16] KANT, 2005, p. 248 (§14).
[17] Kant trata também do tempo, embora como sucessão causal, igualmente fixada no presente, na *Crítica da Razão Pura*, Analítica dos Princípios, Livro segundo, Cap. III.
[18] HEIDEGGER, 2008, § 65.

que nós mesmos somos, é "*o caráter de ter sido*" (*Gewesenheit*), que só pode ser assim quando é (*Gegenwart*) ou está por vir (*Zukunft*). A "de-cisão antecipadora" do "*Da-sein*" como poder-ser é determinada pela "*temporalidade*" (*Zeitlichkeit*)[19]. A temporalidade dá-se no "por-vir", através da antecipação, que permite o "*Da-sein*" vir a si em seu poder-ser mais próprio. Porvir não significa um agora (presente), mas um "*ekstase*" ("*fora de si em si e para si mesmo originário*"[20]). Esse tempo da "*temporalidade*" não é o tempo vulgar nivelado "*a uma pura seqüência de agoras*" [21]. Assim, no entender deste filósofo, seria possível ao Dasein superar o problema de se estar preso ao movimento do relógio, como seqüência de agoras, presos a medida do número.

4. Considerações Finais

A constatação de alguns filósofos e poetas demonstra que a percepção derivada do se aproximar a natureza e, em si, da natureza do tempo, nada tem que ver com o tempo medido e *presentificado* na exatidão dos relógios. Há, portanto, sempre outro tempo, que é mais fácil de ser observado por quem vive distante dos centros em que o relógio se impõe. O movimento do tempo é mais facilmente apreensível por aqueles que vivem mais próximo do que se convencionou chamar "natureza".

Aos que vivem em grandes cidades, já inseridas no tempo do relógio, resta apenas uma percepção limitada do movimento do outro tempo não medido. Todavia, mesmo aquele que está preso ao tempo do relógio pode aceder à percepção de outros tempos (redescrevendo-os). Mais do que o prender-se ao "por-vir" (Heidegger) ou ao "prazer" (Agamben) ou à dor, que nos permitem uma aproximação ao nosso próprio entendimento, talvez baste simplesmente ao ser humano procurar caminhar sobre esse nada configurado em tempo e, ao entender que o conceito de tempo como *presentificação* em números num relógio é só um parâmetro, ousar tentar perceber um

---

[19] "*A temporalidade 'temporaliza-se' como advir (futuro) atualizante (presente) de ter sido (passado)*" ("*Zeitlichkeit zeitigt sich als gewesende-gegenwärtigende Zukunft*").HEIDEGGER, 2006, p. 350. A característica da temporalidade é que ela não é um ente, mas apenas se temporaliza ("*Die Zeitlichkeit »ist« überhaupt kein Seiendes. Sie ist nicht, sondern zeitigt sich.*"). HEIDEGGER, 2006, p. 328.

[20] A temporalidade é o original "fora de si" em, e para, si mesmo ("*Zeitlichkeit ist das ursprüngliche »Außer-sich« an und für sich selbst*"). Os fenômenos do futuro, do caráter de ter sido e do presente são "*ekstáses*" da temporalidade ("*Wir nennen daher die charakterisierten Phänomene Zukunft, Gewesenheit, Gegenwart die Ekstasen der Zeitlichkeit*"). Dentre esses fenômenos, o futuro destaca-se por ter uma primazia. HEIDEGGER, 2006, p. 329.

[21] "*[...] als einer puren, anfangs- und endlosen Jetzt-folge…*". HEIDEGGER, 2006, p. 329. Cf. HEIDEGGER, 2001, p. 88-89.

outro tempo, fundado em "*nada*", por mais que seja condenado a errar (vagar), e errando talvez possa dar sentido a esse fenômeno.

Contentar-nos-emos, desta feita, com a descrição de Fernando Pessoa, para ele é possível viajar no tempo não medido. Pode-se, assim, errar (vagar) pelo tempo mais rapidamente ou mais curtamente. O errar do tempo decorre, mas não como o relógio. Pessoa, assim, nos lembra:

> Viajei. Julgo inútil explicar-vos que não levei nem meses, nem dias, nem outra quantidade qualquer de qualquer medida de tempo a viajar. Viajei no tempo é certo, mas não do lado de cá do tempo, onde o contamos por horas, dias e meses; foi do outro lado do tempo que eu viajei, onde o tempo se não conta por medida. Decorre, mas sem que seja possível medi-lo. É como que mais rápido que o tempo que vimos viver-nos. Perguntais-me a vós, de certo, que sentido têm estas frases; Nunca erreis assim. Despedi-vos do erro infantil de perguntar o sentido às coisas e às palavras. Nada tem um sentido. (PESSOA, 1986, p. 293).

O erro do tempo sentido (percebido) é o errar do tempo sem sentido (direção). Diante dessa constatação o tempo é sentido sem sentido. E o errar não é o erro (caminho) do buscar compreender o tempo pela métrica ou lógica. Pergunta-se: Como *presentificar* (tornar em tempo presente) em pergunta ou palavras a questão do sentido do tempo sem subjetivá-lo ou simplificá-lo? Daí a provocante frase de Pessoa: "Nada tem um sentido". Mas o "nada" aqui é o tempo, o impossível de *presentificar*, mas que, no entanto, tem "um sentido". Assim, pode-se dizer que o tempo ("nada") tem um sentido, mas que não pode ser encontrado pelo "perguntar o sentido às coisas e às palavras" que estão "presentes" espacialmente. Isso seria caminhar ("errar") como uma criança. O sentido do tempo não será encontrado pelo perguntar o "sentido" às coisas e às palavras. Essas sempre estarão espacialmente *presentificadas*. O tempo sentido não se *presentifica* em medida ou signo.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

AGOSTINHO. **Confissões, Livros VII, X e XI**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

ARISTOTELES. **Physik**. Hamburg: Meiner Verlag, 1986.

AUGUSTINUS. Confessiones. In: *Patrologiae Latinae Elenchus*, v. 32. Paris: Migne, 1861. Disponível em <http://www.sant-agostino.it/latino/confessioni/index2.htm>. Acesso em 26. Mar. 2012.

BORGES, J. L. **Caminata**. In: Fervor de Buenos Aires. Buenos Aires: Serrantes, 1923.

DIELS, H; KRANZ, W. **Die Fragmente der Vorsokratiker**. Hildesheim: Weidmann, 1989.
DRUMMOND DE ANDRADE, C. **O tempo passa? Não passa**. In: Amar se aprende amando. São Paulo: Record-Altaya, 1987.
ELIADE, M. **O mito do eterno retorno.** Lisboa: Edições 70, 2000.
HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. São Paulo: Educ, 2001.
HEIDEGGER, M. **Sein und Zeit**. 19. ed. Tübingen: Max Niemeyer, 2006.
HOMER. **Homeri Opera**. Oxford: Oxford University Press, 1920.
KANT, I. **Forma e princípios do mundo sensível e do mundo inteligível (1770).** In: Escritos pré-críticos. São Paulo: UNESP, 2005.
NERUDA, P. **Oda al Tiempo**. In: Odas Elementales (1956). Santiago: Fundação Pablo Neruda e Universidade do Chile. Disponível em < http://www.neruda.uchile.cl/obra/obraodaselementales7.html>. Acesso em 26 de mar. 2012.
NERUDA, P. **Oda a la Edad**. In: Tercer libro de las Odas (1959). Santiago: Fundação Pablo Neruda e Universidade do Chile. Disponível em <http://www.neruda.uchile.cl/obra/obratercerlibrodeodas3.html>. Acesso em 26 de mar. 2012.
PESSOA, F. **O livro do desassossego**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
PLATO. **Timaeus**. In: *Platonis opera*. Oxford: Oxford University Press, 1903.
PLOTINUS. **The Ethical Treatises**. London: Philip LeeWarner, 1917.